CONECTANDO VESTÍGIOS: *um panorama dos vasos cosméticos da coleção egípcia do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)*

Deborah Soares Ribeiro

dehsaori@gmail.com
Mestra em Arqueologia (Museu Nacional – UFRJ)
Bolsista de Mestrado da CAPES
Orientador: Prof. Dr. Ricardo Tadeu Lopes (COPPE – UFRJ)
Prof. Dr. Antonio Brancaglion Jr. *(in memoriam)*

RESUMO: Este trabalho constitui-se como um recorte da nossa dissertação de mestrado, na qual investigamos registros que apontam a presença de vasos cosméticos egípcios no Acervo do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Concebemos um panorama desde os primeiros documentos até a atual situação desses objetos, levando em consideração as falhas no detalhamento dos primeiros registros e a necessidade de conectarmos os vestígios ali presentes. Realizamos, assim, análises dos registros que contêm possíveis terminologias associadas aos objetos que concerniriam aos vasos cosméticos da Coleção Egípcia do Museu Nacional (UFRJ). A particularidade deste estudo consiste em ser o primeiro trabalho dedicado exclusivamente ao levantamento e análise sobre os vasos cosméticos do Museu Nacional (UFRJ).

PALAVRAS-CHAVE: Vasos cosméticos; Coleção Egípcia; Museu Nacional; Egito Antigo; Acervo.

ABSTRACT: This work is an excerpt from our master's dissertation, in which we investigated records pointing to the presence of Egyptian cosmetic vessels in the collection of the National Museum of the Federal University of Rio de Janeiro. We conceived a panorama from the first documents to the current situation of these objects, taking into account the flaws in the

detailing of the first records and the need to connect the traces present there. We therefore analyzed the records that contain possible terminologies associated with the objects that could possibly be cosmetic vessels in the Egyptian Collection of the National Museum (UFRJ). The particularity of this study is that it is the first work dedicated exclusively to surveying and analyzing the cosmetic vessels in the National Museum (UFRJ).

KEY-WORDS: Cosmetic vessels; Egyptian Collection; National Museum; Ancient Egypt; Collection.

INTRODUÇÃO

Durante a pesquisa de mestrado, buscamos conectar os vestígios e horizontalizar percepções sobre o pertencimento de vasos cosméticos na Coleção Egípcia do Museu Nacional (UFRJ). O Museu Nacional abrigou, durante anos, a maior e mais antiga coleção de peças egípcias na América Latina. A importância da Coleção Egípcia do Museu Nacional (UFRJ), deveu-se ao fato de ser um *corpus* bastante completo da sociedade egípcia antiga; de todos os períodos, da Pré-História ao Período Romano (KITCHEN, 1990; BRANCAGLION, 2013). Os objetos que compunham a coleção do Museu Nacional atraíram atenção de pesquisadores e do público. E dentre eles, os vasos cosméticos egípcios que foram frequentes em toda cronologia egípcia (VANDIER D'ABBADIE, 1972) e em diferentes contextos (PETRIE, 1927, p. 26-28; GRAJETSKI, 2012, p. 4; BAINES, 1996, p. 196-197; BEVAN, 1996, p. 134-173).

Vasos cosméticos egípcios eram parte estrutural da sociedade, sua importância é intrínseca com a pintura corporal, as dinâmicas para a construção do corpo do indivíduo egípcio e sua identidade (MAUSS, 1974, p. 209- 233; MESKELL, 2004, p. 163). São objetos que atuam na integração do indivíduo com a sociedade. Além disso, os usos nas práticas de pintura dos olhos no cotidiano a exemplo de aparatos de higiene, saúde e beleza

(HAYES, 1978, p. 242; MANNICHE, 1999, p. MESKELL, 2004, p. 163), como também na utilização em encantamentos e práticas de rituais funerários (FAULKNER, 1969, p. 19; MANNICHE, 1989, p. 136). Quando abordamos estudos sobre vasos cosméticos, apontamos que estes estão intrinsecamente conectados com as práticas de pintura corporal. Evidenciamos a necessidade do recipiente para transportar o material utilizado, havendo uma dependência entre a execução da prática de pintar os olhos e os objetos que transportam o material (RIBEIRO, 2024).

Os primeiros registros sobre vasos cosméticos egípcios pertencentes ao Acervo do Museu Nacional (UFRJ) carecem de informações detalhadas e não possuem imagens , sendo crucial conectarmos vestígios para detalhar a presença de vasos cosméticos nos arrolamentos predecessores. O último registro que havia sido produzido sobre vasos cosméticos egípcios foi realizado por meio da colaboração internacional entre a professora Maria da Conceição Beltrão e o egiptólogo Kenneth Kitchen, apesar das imprecisões (KITCHEN, 1990). O então último registro de imagens coletadas pela autora sobre os vasos cosméticos da Coleção Egípcia ocorreu em novembro de 2017 durante uma visita à Sala Egípcia na IV SEMNA - Semana de Egiptologia do Museu Nacional (Figura 1; Figura 2).

Figura 1 - Vitrine com vasos cosméticos, colares e pente da Coleção Egípcia do Museu Nacional, novembro/2017. Foto da autora

Figura 2 - Vasos cosméticos egípcios expostos no Museu Nacional, novembro/2017. Foto da autora

Com o trágico incêndio do dia de 02 de setembro de 2018, de ampla cobertura da mídia nacional e internacional, o Brasil testemunhou a perda de um dos maiores centros de pesquisas reconhecidos nacional e internacionalmente e, consequentemente, de grande parte de seu Acervo. Parte da coleção foi recuperada (VON SEEHAUSEN, 2021, p. 55), e tornou-se viável um novo levantamento e análise dos vasos cosméticos do Museu Nacional (UFRJ).

CONSTRUINDO UM ACERVO

Seguindo os moldes dos assoberbados antiquários dos grandes centros europeus, a aquisição de objetos oriundos da Antiguidade eram uma demonstração de poder, força e prestígio para as Nações europe ias. A criação de um Acervo afirmava um *status* de civilização para o Império Brasileiro. No caso de antiguidades advindas do Egito Antigo, a valorização e o interesse pela posse de artefatos egípcios foram despertados por nações europeias após a decifração dos hieróglifos por Champollion (BAKOS, 1994, p. 86).

> É importante conjeturar como ocorriam, nesse período, os trânsitos e as trocas desse tipo de mercadoria. Nessa época foi marcante a realização de grandes escavações arqueológicas, que proporcionaram aos museus existentes, principalmente os europeus, o acúmulo de seus grandes Acervos. (CHAVES, 2019, p. 83)

Aconselhado por José Bonifácio, o imperador D. Pedro I adquiriu peças trazidas pelo comerciante Nicolau Fiengo. Dentre os objetos dispostos em lotes para venda, o imperador os arrematou rapidamente. Os objetos arrematados pelo imperador D. Pedro I, haviam sido adquiridos para integrar o Museu Real (BRANCAGLION, 2004, p. 32).

> Consta-nos que na Alfândega desta Capital estão alguns caixões contendo Múmias e outros muitos objetos de um Museu de antiguidades Grega e Egípcia, que foram trazidos da Europa pelo Sr. Nicolau Fiengo, que de Marselha partira para o Rio da Prata, e que por motivo do bloqueio esteve alguns dias em Montevideo, donde voltou para esta Corte. (*Jornal Astrea*, 29 de julho de 1826)

O jornal *Astrea* descreveu que constavam na lista sarcófagos decorados, vasos canopos com pedras preciosas, corpos mumificados de humanos e animais, animais embalsamados, rede de contas esmaltadas, uma porção de escaravelhos e outros objetos. No entanto, não é citado nenhum vaso, container ou recipiente cosmético.

Ao contrário de seu pai, D. Pedro II nutria um profundo fascínio pelos estudos de objetos arqueológicos. Esteve no Egito em poucas ocasiões, mas o imperador não demonstrou interesse na aquisição de peças egípcias (TAUNAY, 1912, p. 217). Apesar disso, em 1876, o imperador foi presenteado por Quediva Ismail com o esquife da "Cantora de Amon" (*Sha Amun En Su*) (CHILDE, 1919, p. 75). Apesar do interesse de D. Pedro II pelo Egito antigo, a Egiptologia no Brasil não começou em uma instituição acadêmica como em outros países, posto que teve início a partir de um empreendimento amador pelo imperador (ROCHA DA SILVA, 2017, p. 166).

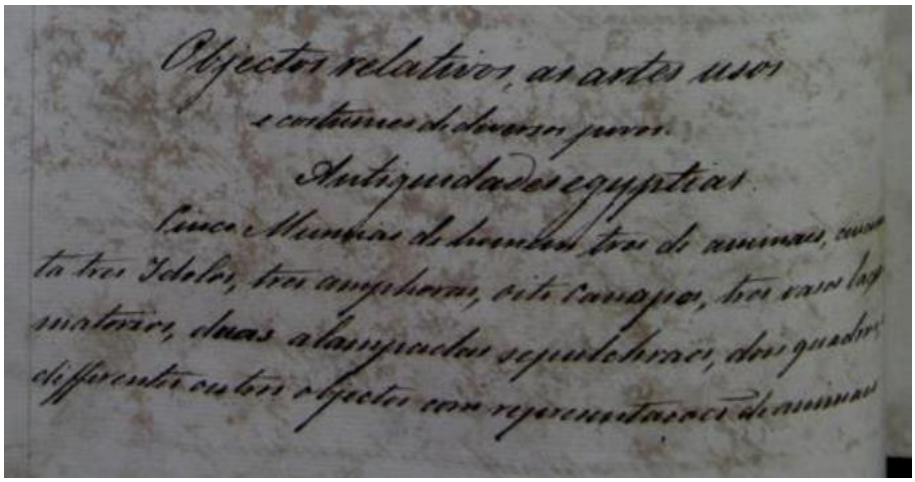
Desse modo, a continuidade e o aumento da Coleção Egípcia do Museu Imperial e Nacional decorreram de doações e compras particulares (BRANCAGLION, 2013, p. 75)

VASOS COSMÉTICOS DA COLEÇÃO EGÍPCIA DO MUSEU NACIONAL

Os primeiros registros que contêm informações sobre peças egípcias inventariadas como parte do Acervo do Museu Imperial e Nacional foram apresentadas por meio do Livro de Ofícios. Eram relatórios anuais produzidos pelos diretores da instituição que conformam um documento de continuidade e memória. João da Silva Caldeira exerceu o cargo de diretor do Museu Imperial e Nacional nos anos de 1823-1827, na ocasião da primeira compra de peças egípcias. Foi sucedido por Frei Custódio Alves Serrão que dirigiu o Museu Nacional, incluindo a Seção de Arqueologia, de 1828-1847. O relatório das peças egípcias era simples e apresentava imprecisões. Não obstante, é necessário ressaltar os indícios da presença dos vasos cosméticos nesse primeiro arrolamento (RIBEIRO, 2024, p. 44).

O primeiro relatório com peças egípcias teria sido organizado uma década depois da compra efetuada por D. Pedro I, conforme o Livro de Ofícios desde o ano de 1819 até 1842. Tal manuscrito não descreve a totalidade das peças, somente as principais elencadas (CHAVES, 2019, p. 115). Os objetos estavam arrolados na seção "Relação dos objetos que se conservam no Museu Nacional desta Corte" e na divisão "Objetos relativos às artes, usos e costumes de diversos povos – Antiguidades egípcias" —, referidas como "cinco múmias de homens, três de animais, cinquenta e três ídolos, três ânforas, oito canopos, três vasos lacrimatórios (Figura 3), duas lâmpadas sepulcrais, dois quadros e diferentes outros objetos com representações de animais, esculturas, hieroglíficos" (MUSEU NACIONAL, Livro de Ofício desde o ano de 1819 até 1842).

Figura 3: MUSEU NACIONAL. Livro de Ofício desde o ano de 1819 até 1842 (MN RA 01). Foto: André O. L. Chaves

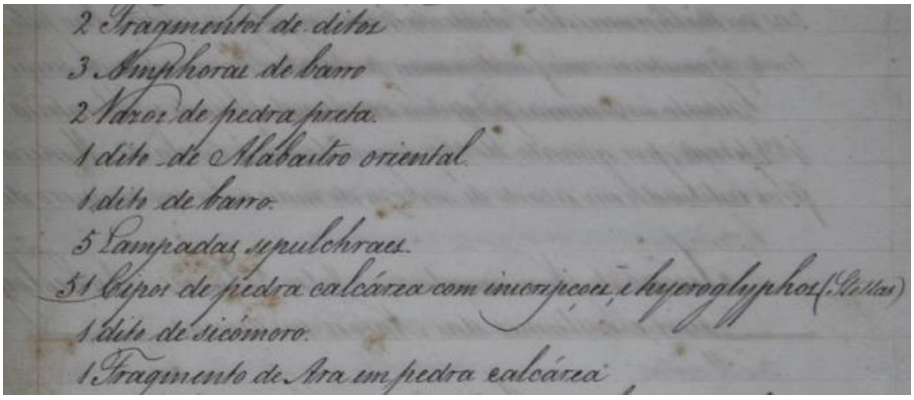


Os três vasos lacrimatórios mencionados anteriormente foram citados no inventário de 1838, o que nos possibilita conectar com atenção a verificação para um vestígio que poderia ser um vaso cosmético egípcio. Em vista do fato de que a terminologia de "vaso lacrimatório" (ANDERSON-STOJANOVIC, 1987, p. 105-122) não é usual dentro dos estudos de Egiptologia e o possível equívoco sobre a informação das peças, uma vez que há uma simples descrição do material, o vaso lacrimatório é associado à mobília funerária em enterramentos romanos e gregos. Outrossim, em alguns casos, o mesmo nome é usado para objetos do século XIX em referência a objetos comumente fabricados na época ou por questões relacionadas a tratamentos oftalmológicos e do canal lacrimal.

No novo arrolamento, a Coleção Egípcia foi listada em sua totalidade, contabilizando hipoteticamente 271 objetos, ainda que pudesse ser maior e com uma descrição mais detalhada (CHAVES, 2019, p.133). Provavelmente, a lista teve apuração com mais detalhes, mesmo que de maneira genérica e distinguindo os equipamentos. Na lista, são 270 peças trazidas por Fiengo e mais uma, a qual não possibilitou conjecturar uma nova aquisição. Parte do relatório (Figura 4) menciona "dois vasos de pedra preta, um vaso de alabastro oriental e um vaso de barro"(KITCHEN, 1990,

p. 267). L ogo, não foram listados com terminologia de vasos lacrimatórios e tampouco outras terminologias. Contudo, cabe tentar compreender que alguns dos vasos descritos poderiam ser vasos cosméticos que não foram bem inspecionados ou elucidados (RIBEIRO, 2024, p. 46).

Figura 4 - MUSEU NACIONAL. Inventário dos objetos existentes no Museu Nacional (ano de 1844). In: Livro de Ofício desde o Ano de 1842 até 1849 (MN RA 02). Foto: André O. L. Chaves.



O próximo registro das peças egípcias aconteceu em decorrência do convite do imperador para Ladislau Netto (DANTAS, 2012, p. 137) dirigir a Seção de Botânica do Museu Imperial e Nacional em 1866. Antes de ingressar ao cargo de diretor, já se dedicava aos estudos de plantas nativas e sociedades indígenas, o que teria despertado seu interesse pela Antropologia e Arqueologia. Por consequência, organizou de maneira sistemática a historicidade da instituição, da fundação, do centro científico e de suas coleções, publicando *Investigações históricas e científicas sobre o Museu Imperial e Nacional do Rio de Janeiro em 1870*.

A Coleção Egípcia é apresentada detalhadamente, incluindo a sua aquisição. Netto anexa a descrição da coleção produzida no Livro de Ofícios desde o ano de 1819 até 1842 e utiliza um novo termo "vasos lacrimaes" para descrever os vasos lacrimatórios (NETTO, 1870, p. 265). Em 1870, a coleção localizava-se na saleta oito, onde múmias em seus sarcófagos ficavam no centro do ambiente, enquanto o restante do Acervo

estava exposto em sete armários. No armário nº 6 da Coleção Egípcia, embora uma grande quantidade de pequenos objetos seja mencionada com poucos critérios, são descritos um lacrimatório de alabastro e outros dois lacrimatórios de vidro (NETTO, 1870 , p. 265)

Após a transferência para o Palácio de São Cristóvão, a instituição precisou readequar as coleções ao novo espaço, além de recrutar profissionais especializados para a curadoria. Dentre o pessoal contratado, destaca-se um pesquisador para a Coleção Egípcia, o russo Alberto Childe[1], nomeado conservador da seção de Arqueologia em 1912, permanecendo no cargo até 1938.

Childe foi o primeiro a estudar toda a coleção e a divulgar diversas peças egípcias, incluindo o Guia das Coleções de Arqueologia Clássica, de 1919, com os artefatos da Antiguidade do Acervo do Museu Nacional (UFRJ). A publicação tem detalhes importantes, como inscrições nos objetos e possíveis datações dos períodos respectivos. Todavia, há partes um pouco caóticas descrevendo as peças, como a seção "Vasos Antigos", que mistura os diferentes vasos e suas correspondentes sociedades. Os vasos mencionados têm as formas, os materiais e as funções descritos. São apontados equívocos terminológicos em documentos anteriores, corrigidos para a terminologia correta (BRANCAGLION, 2004, p. 32) , indicando os vasos egípcios que seriam usados para armazenar unguentos (KITCHEN, 1990, p. 53).

Posteriormente, o último inventário detalhado de toda Coleção Egípcia do Museu Nacional (UFRJ), foi organizado por Kitchen (1990). Contudo, visitou o Museu Nacional (UFRJ) em três oportunidades nos anos 80 (1985, 1986 e 1987), em apenas 29 dias úteis.

Embora tenha apresentado terminologias corretas, encontrou dificuldades na visualização e identificação dos objetos. Ademais, são mencionadas peças doadas para a Coleção Egípcia, incluindo os equipamentos cosméticos (KITCHEN, 1990, p. 244) citados na publicação

[1] Seu verdadeiro nome era Dimitri Petrowitch Vanitzin (1870-1950).

de Childe (1919). Também são mencionados, na seção de "Vasos diversos", aproximadamente 14 vasos cosméticos cujas caracterizações de dimensão, morfologia, matéria-prima e funcionalidade evidenciam poucos critérios, levando a uma verificação imprecisa das descrições com as imagens. A maioria dos vasos cosméticos é apresentada de maneira semelhante e escassa como "vaso para kohl" e "produzido em rocha alabastro".

Faltaram análises sistemáticas e individuais para cada peça. Assim, seria improvável o desempenho de estudos de cultura material, iconografia, inscrições e outros. Contudo, é compreensível que o pouco tempo e a distância tenham dificultado uma abordagem e interpretação aprofundadas dos objetos (RIBEIRO, 2024, p. 50).

A coleção de vasos cosméticos egípcios foi catalogada diversas vezes com descrições simples, escassas, limitadas. Nesse sentido, não havia dimensões de tamanho e verificação dos objetos, tornando imprescindível um estudo em primeira mão desses objetos e, em particular, um novo levantamento que possibilite novos critérios e interpretações sobre as peças, principalmente após o incêndio (RIBEIRO, 2024, p. 54).

ANALISANDO OS VASOS COSMÉTICOS DO MUSEU NACIONAL APÓS O INCÊNDIO

Consultar o material foi imprescindível para estabelecer o levantamento inicial e registrar os objetos em sua totalidade. Foram verificadas uma série de atitudes nas comparações com o último inventário para identificar se houve preservação nas características morfológicas ou possíveis alterações na integridade, nas dimensões e nas intervenções praticadas após o resgate, a limpeza e o condicionamento. Também foi propício relacionar quais vasos cosméticos se encontravam na vitrine em exposição na Sala Egípcia. Os critérios de organização começaram na realização de identificação de cada objeto (Figura 5), estabelecendo um paralelo entre os que foram resgatados nos escombros do palácio com as

imagens dos vasos cosméticos que estavam na vitrine da Sala egípcia do Museu Nacional (RIBEIRO, 2024).

Figura 5: Vasos cosméticos egípcios do Museu Nacional (Reserva Técnica), maio/2024. Foto da autora

CONSIDERAÇÕES FINAIS

> O Acervo egípcio tem sido uma fonte valiosa na formação acadêmica de novos pesquisadores na área de Egiptologia no Brasil. Os alunos de Pós-graduação em Arqueologia do Museu Nacional têm a oportunidade única de um contato com objetos de grande interesse científico internacional. (BRANCAGLION, 2013, p. 49)

Não é nosso objetivo neste artigo encerrar o debate, e finalizar os estudos sobre os vasos cosméticos da Coleção Egípcia do Museu Nacional (UFRJ). Esperamos suscitar novas possibilidades a problemática dificuldade em encontrar fontes diretas que indiquem como foram adquiridos vasos cosméticos, como chegaram ao Brasil. E novas interpretações e reflexões sobre os objetos.

FONTES

ASTREA. Consta-nos que na alfândega d'esta Capital. Rio de Janeiro: Typographia de Torres, 19 de julho de 1826, nº 16. p. 63. Digitalizado, Hemeroteca da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDERSON-STOJANOVIC, V. R. The Chronology and Function of Ceramic Unguentaria. *American Journal of Archaeology*, 91(1),1987, p. 105–122.

BAINES, J., MÁLEK, J.. O Mundo Egípcio - Deuses, Templos E Faraós, vol. II. Madrid: *Edições del Prado*, 1996, p. 196 - 197.

BAKOS, M. *A Coleção Egípcia do Museu Nacional do Rio de Janeiro*. In: BAKOS, M. Fatos e Mitos do Antigo Egito. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1994, p. 86.

BEVAN, A. *Reconstructing the role of Egyptian culture in the value regimes of the Bronze Age Aegean: stone vessels and their social contexts*. In MATTHEWS, R. and ROEMER, C.(eds.), Ancient Perspectives on Egypt. London: UCL Press. 2003, p.57-73.

BRANCAGLION JR, A. From Egypt to Brazil: an Egyptian collection in Rio de Janeiro, in Mamdouh Eldamaty e Mai Trad eds., Egyptian Museum collections around the world: studies for the centennial of the Egyptian Museum Cairo, V. 1, *Cairo*, American University Press, 2000, p.155-162.

BRANCAGLION JR, A. *Coleções egípcias no país*. In: A. BAKOS, M (org.). Egiptomania – O Egito no Brasil, Paris Editorial, São Paulo, 2004, p. 32.

BRANCAGLION JR. A. Revelando o passado: estudos da Coleção Egípcia do Museu Nacional. In: LESSA, F. S.; BUSTAMANTE, R. M. C. (orgs). *Memória e festa*. Rio de Janeiro: Mauad, 2005, p. 75 -80.

BRANCAGLION JR, A. *Um Egito ainda desconhecido*: Coleções e colecionismo no Brasil. Tempo Brasileiro, 93, 2013, p. 39–56.

CHAVES, A. O. L. *Do Kemet para o Novo Mundo: O colecionismo de antiguidades egípcias no Brasil Imperial* (1822-1889). Dissertação (mestrado) Universidade Federal de Minas Gerais. 2019.

CHILDE, A. Guia das Collecções de Arqueologia Clássica. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1919.

DANTAS, R. M. M. C.. *Casa Inca ou Pavilhão da Amazônia? A participação do Museu Nacional na Exposição Universal Internacional de 1889 em Paris*. Tese de doutorado em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia.UFRJ, 2012, p. 137.

FAULKNER, Raymond O. *The Ancient Egyptian Pyramid Texts*, Translated into English. 2 vols. Oxford: Oxford University Press, 1969, p. 19.

GRAJETZKI, W. Qau el-Qebir. In W. Wendrich (ed.). UCLA Encyclopedia of Egyptology, 2012, p. 4.

HAYES, W.The Scepter of Egypt: A Background for the Study of the Egyptian Antiquities in The Metropolitan Museum of Art. Vol. 1, From the Earliest Times to the End of The Middle Kingdom. In*: The Metropolitan Museum of Art,* 1978.

HAWASS, Z. Parfums et cosmétiques dans l'Egypte ancienne, catalogue de l'exposition. Paris, Marseille, Le Caire: Esig, p. 94. 2002.

MANNICHE, L., Egyptian Luxuries, Fragrance, Aroma Therapy, and Cosmetics in Pharaonic Times, The American University in Cairo Press, Egypt, 1999.

MANNICHE, L., An Ancient Egyptian Herbal, University of Texas Press, Austin, 1989.

MAUSS, M. As Técnicas Corporais. In: Sociologia e Antropologia. v.2. São Paulo: Edusp, 1974, p. 209-33.

MESKELL, L. Archaeologies of Social Life. Age, Sex, Class et cetera in Ancient Egypt. Oxford: Blackwell, 1999, p. 167.

MESKELL, L. Private Life in New Kingdom Egypt, Princeton (NJ), Princeton University Press, 2004.

MESKELL, L. Object worlds in Ancient Egypt: Material Biographies in Past and Present. London: Berg. 2004.

NETTO, L. Investigações históricas e científicas sobre o Museu Imperial e Nacional. Rio de Janeiro: Instituto Philomático, 1870.

OS DIRETORES DO MUSEU NACIONAL/UFRJ. Seção de Museologia (org). Rio de Janeiro.2007/2008.Disponível em https://museunacional.ufrj.br/site/assets/pdf/memoria_1.pdf. Acesso em 05/09/2023.

PETRIE, W. M. F. Objects of daily use. London: University College, 1927, p. 26-28.

RIBEIRO, D. S.. Os Vasos Cosméticos da Coleção Egípcia do Museu Nacional: Um resgate do Acervo através do Estudo e Contextualização. Dissertação de mestrado em Arqueologia. Programa de Pós-graduação em Arqueologia, Museu Nacional/UFRJ. 2024.

ROCHA DA SILVA, T.. Tropical Egypt: The Development of Egyptology in Brazil and its Future Challenges. In: Global Egyptology: Negotiations in the Production of Knowledges on Ancient Egypt in Global Contexts. Christian Langer (ed.). London: Golden House Publications, 2017, p. 166.

TAUNAY, Afonso. E. D. Pedro II, Viagem ao Alto Nilo, em 1876. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, vol 72. Rio de Janeiro. 2ª parte, 1912, p. p. 217.

VANDIER d'ABBADIE, J. Catalogue des objets de toilette égyptiens du Musée du Louvre, Réunion des Musées Nationaux, Paris. 1972.

VON SEEHAUSEN, P. D. Um vislumbre sobre o resgate da Coleção Egípcia do Museu Nacional. In: Antonio Brancaglion Jr; Gisela Chapot; Deborah Soares Ribeiro (org). SEMNA - Estudos de Egiptologia VII. 1ed. Rio de Janeiro: Editora Kliné, Kliné, p. 49 - 63. 2021.